



Jornal na sala de aula: conceitos e transposição didática¹

Renata Lopez Caro da Silva²

Mônica Pegurer Caprino³

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, SP

Resumo

A pesquisa se propõe a estudar como conceitos chaves do Jornalismo (dentre eles lide, manchete, notícia e entrevista) aparecem nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II (de 6º. ao 9º. ano). O objetivo é verificar como se dá a transposição didática desses conceitos chaves ao se proporem atividades de utilização do jornal em sala de aula. Para tanto, foi realizada análise de conteúdo de livros de Língua Portuguesa utilizados por professores da rede municipal de ensino de São Caetano do Sul, que já participam de pesquisa sobre o jornal na sala de aula coordenada pela orientadora do trabalho. A partir dessa análise e comparação com os conceitos expressos em livros acadêmicos sobre jornalismo, verificou-se que ocorrem poucas distorções na transposição didática, mas que algumas atividades sugeridas fazem interpretação equivocada dos conceitos.

Palavras-chave

Jornal na sala de aula; Jornalismo e Educação, Jornalismo e transposição didática

Introdução

Manchetes sensacionalistas, escândalos e até mesmo parcialidade: nada disso desmerece um jornal na hora de ele entrar em sala de aula e dar sua contribuição para o ensino. Segundo Carmen Lozza (2009, p.33) o jornal é um meio de informar os leitores, recriar o mundo segundo sua visão, pois sua fala tem poder e vai conquistando a sociedade. O jornal provoca uma revolução que melhora o nível de competência dos professores e contribui para a formação do aluno.

Para Cecília Pavani (2003), o jornal estimula o aluno à discussão de sua realidade, desenvolvendo espírito crítico, pensamento lógico e criativo, tendo em vista a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 4º. ano do Curso de Jornalismo da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), email: renatalopezcaro@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), email: mcaprino@gmail.com.



formação do cidadão consciente e participante, além de possibilitar ao aluno e ao professor o enriquecimento de seu universo existencial, inteirando-se do que se passa em outras regiões, nos mais diversos setores da atividade humana, por meio do jornal e das pesquisas que ele suscita.

O uso do jornal em sala de aula tem sido estimulado não só por meio de vários projetos, como o da Associação Nacional dos Jornais - ANJ mas também pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, 1998, p. 5), que propõem à escola eleger como objeto de estudo textos que aparecem com frequência na realidade social, para que sejam analisadas suas formas de recepção e de produção, privilegiando-se, assim, o processo de interlocução, indispensável para que o aluno seja capaz de ler, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade.

Por conta dessa orientação, o tema jornal e os conceitos de jornalismo referentes à linguagem jornalística são freqüentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa em várias séries. A pergunta que se faz nesta pesquisa é: de que forma esses conceitos estão sendo apresentados pelos livros didáticos a professores de Língua Portuguesa que fazem atividades de jornal em sala de aula? Até que ponto diferem da conceituação original utilizada pelo profissional de jornalismo e normalmente passada àqueles que se formam nesta profissão?

Assim, o objetivo é observar como é feita a transposição didática nesse material pedagógico. Pretende-se responder à pergunta-problema por meio de análise que considera os livros didáticos adotados pela rede municipal de São Caetano do Sul para o Ensino Fundamental II, que já é alvo de uma pesquisa sobre o uso do jornal em sala de aula, coordenada pela orientadora da Iniciação Científica.

O jornal e o ensino de Língua

O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar. (Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, 1998, p. 17). Segundo os PCNs, os textos jornalísticos são gêneros textuais que devem ser inseridos no conteúdo de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II.



Segundo Pavani (2003, p.15), “o trato diário com os jornais na escola pode representar uma contribuição digna de ser adotada não somente na educação infantil, mas no ensino fundamental e no ensino médio”.

Normalmente, o jornal usado em sala de aula é associado à disciplina de Língua Portuguesa, e na educação possibilita à criança e ao jovem viver e participar do momento presente. A leitura do noticiário costuma despertar um sentimento de pertencimento à sociedade contemporânea, do cidadão ao seu tempo, ao que acontece à sua volta. O jornal aumenta a cultura geral e aprimora as qualidades intelectuais do aluno. Serve de ponte entre o currículo escolar teórico e a realidade prática, entre professores e alunos, pais e filhos. Além disso, é um poderoso instrumento auxiliar na tomada de decisões, pois várias são as notícias do dia que vão afetar direta e imediatamente a vida de cada um, desde uma greve nos transportes públicos ao decreto de aumento de impostos ou o anúncio de um esquema especial de vacinação coletiva (PAVANI, 2003, p.26).

Carmen Lozza, em sua obra “Escritos sobre jornal e Educação” (p.37), afirma que o jornal não pode só entrar na escola como um produto acabado, considerado verdadeiro e completo. Como parte da mesma sociedade em que se situa a escola, precisa ser criticado, lido, discutido, analisado e comparado.

Como afirma Gonnet (2004, p.23)

Por educação para as mídias convém entender o estudo e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e aprendizagem em outros campos de conhecimentos tais como as matemáticas, a ciência e a geografia.

Na educação nacional, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontam para a necessidade da prática docente incluir estudos sobre a mídia, se pretende ter uma coerência (pelo menos discursivamente) de que atua para formar indivíduos competentes e críticos. Negar a mídia, às vezes com pré-conceito, não se justifica, se considerarmos o tempo que os alunos passam na frente da TV e compararmos este ao tempo escolar. Mas, o que podemos observar na prática curricular de algumas faculdades voltadas para a formação de professores, entretanto, é o estudo da mídia sem o enfoque comunicacional. Ela é abordada quase tão somente através de interfaces tecnicistas, apenas incentivando a busca por

qualificação e construção de competências dos docentes e discentes no uso de tecnologias, como bem mostra Gonnet (2004, p.28) em sua pesquisa sobre mídia na escola.

Na prática, muitas vezes o professor trabalha com o jornal nas aulas de Língua Portuguesa, mas geralmente não conhece o processo de trabalho de elaboração de um jornal e muito pouco teve contato com conceitos e nomenclaturas próprias desse meio de comunicação.

Os livros didáticos, muitas vezes, ao incluir propostas de atividades com gêneros textuais jornalísticos correm o risco de generalizar conceitos e tomá-los inclusive de maneira equivocada. O que se deve levar em consideração aqui é que ocorre naturalmente o que se chama de transposição didática. Conforme destaca Almeida (2006, p.8) a necessidade de ensinar o conhecimento leva a necessidade de modificá-lo e a essa modificação dá-se o nome de transposição didática. “Ao entrarem na escola, os objetivos, os objetos de conhecimento- o saber científico ou as práticas sociais— convertem-se em ‘objetos de ensino’, isto é, em conteúdo curricular”.

É preciso modificar o saber para que este se transforme em objetivo de ensino “ensinável”, isto é, em condições de ser aprendido pelo aluno. Todo professor faz isso permanentemente, embora nem sempre o faça de forma eficaz.

O fenômeno de transposição didática põe em evidência o fato de que a disciplina escolar não é o conhecimento científico mas uma parte dele, e além disso, modificada. Mesmo levando esse processo em conta, vale verificar até que ponto a transposição didática simplifica os conceitos jornalísticos ou os coloca em contexto equivocado, se comparados ao jargão e práticas profissionais.

Metodologia

Para verificar como ocorre a transposição didática dos conceitos de jornalismo para os livros de Língua Portuguesa, foram escolhidos conceitos-chaves do jornalismo e que normalmente são abordados nas aulas de Língua Portuguesa:; Lead (Lide); Título/ Manchete; Legendas; Notícia; Reportagem; Entrevista;

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva cuja base principal é análise documental. Foi realizada uma análise de conteúdo dos materiais didáticos utilizados pelos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. As categorias de análise se fundamentaram em bibliografia sobre os conceitos de Jornalismo, realizando uma comparação de como são ensinados nos cursos de Jornalismo e praticados pelos



profissionais da área (pode se tomar por base os manuais de redação) e de que forma aparecem nos materiais didáticos utilizados pelos professores.

Foram analisados os seguintes livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados na rede Municipal de São Caetano do Sul⁴:

- “Viva Português”, da 5º á 8º série, de Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso e Silvia Letícia de Andrade;
- “Português Linguagens”, da 5º á 8º série, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães;
- “Português Ideias & Linguagens”, da 5º á 8º série, de Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro;

Além de se realizar a comparação entre o conceito apresentado, também se verificou a aplicação desses conceitos nas atividades sugeridas pelos autores dos livros de Língua Portuguesa.

Linguagem jornalística

Levantaram-se como conceitos a serem estudados elementos da linguagem jornalística (lide, título/manchete, legendas) e os principais gêneros jornalístico (notícia, entrevista e reportagem).

Os primeiros aspectos a serem analisados são os referentes a alguns elementos da linguagem jornalística. Vamos observar como conceituam os manuais e livros de jornalismo e de que forma os mesmos conceitos aparecem nos livros didáticos analisados.

Segundo o jornalista Jorge Pedro Sousa (2005, p.146) um bom título acrescenta valor a uma peça jornalística. Os títulos devem ser informativos, sintetizando o núcleo duro da informação numa frase curta, forte e sedutora.

Já de acordo com o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo (MARTINS FILHO, 1997, p.282), o título deve, em poucas palavras, anunciar a informação principal do texto ou descrever com precisão um fato. Destaca-se, como em outros manuais a estrutura básica de um título de jornal (sujeito, verbo e predicado, com a orientação de sempre usar o verbo no presente do indicativo. Acrescenta-se que “nos textos noticiosos, o título deverá obrigatoriamente ser extraído do lide”.

⁴ Em 2009, quando foi iniciada a pesquisa, seis escolas de São Caetano do Sul tinham o Ensino Fundamental II. O mesmo livro é, por vezes, utilizado em mais de uma escola.

O livro “Português Linguagens 6ª. Série” (CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 211) destaca que toda matéria jornalística começa por um título. “O título constitui um resumo da informação mais importante do texto”, afirmam corretamente as autoras Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro.

Já no livro “Português Idéias & Linguagens” (DELMANTO; CASTRO, 2009, p.72), também da 6ª. série, existem exercícios nos quais é pedido que se faça título e linha- fina, mas em nenhum momento há explicação do que são exatamente esses elementos da linguagem jornalística. Também no livro “Viva Português” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 216), da 6ª série, há exercícios que pedem para elaborar um título, há exemplos, mas não há explicações.

Outro elemento da linguagem jornalística bastante abordado quando é utilizada nas atividades de Língua Portuguesa é o lead/lide. De acordo com o livro “Elementos do Jornalismo Impresso” (SOUSA, 2005, p.161), o lide é o primeiro parágrafo de uma notícia ou reportagem. É o parágrafo que introduz o tema de uma matéria e, em segundo lugar, o parágrafo que dá o tom ao resto notícia.

Todos os livros e manuais de jornalismo destacam que, geralmente, a informação mais importante (que compõe o lide) coincide com a resposta às questões que, segundo a retórica do jornalismo, se deve responder na notícia: “Quem?”, “O quê?”, “Quando?”, “Onde?”, “Como?”, e “Por quê?”.

O lide deve iniciar-se pela informação mais importante ou então, em ocasiões raras e especiais, a estudar caso a caso, por uma frase chamativa que desperte a atenção do leitor, como um provérbio ou uma pergunta.

Segundo o Manual de Redação e estilo do Estado de S. Paulo (MARTINS FILHO, 1997, p.154), o lide é uma abertura da matéria. Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três fases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um resumo completo do fato. Uma ou outra dessas perguntas pode ser esclarecida no sublead, se as demais exigirem prática ente todo o espaço da abertura. Gráficamente, recomenda-se que o lead tenha no máximo 4 a 5 linhas de 70 toques.

Os livros didáticos analisados não vão se afastar do exposto nos manuais e livros de jornalismo. Em “Português Linguagens” (CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 193), da 6ª. série, o conceito de lide aparece corretamente e diz que esse elemento da linguagem consiste normalmente no primeiro parágrafo da notícia e é a parte que apresenta um resumo de poucas linhas, fornecendo respostas às questões fundamentais

do jornalismo: o que (fatos), quem (personagens/pessoas), quando (tempo), onde (lugar), como e por que.

Os livros “Português Idéias & Linguagens” (DELMANTO; CASTRO, 2009, p.74), da 6ª série e “Viva Português” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 239), da 6ª série, repetem a mesma conceituação. Neste último, há exercícios para se elaborar um lide, solicitando que o aluno se lembre “de de que para produzir um lide você precisa buscar as seguintes informações: quem? o quê? Onde? Quando? Como? E por quê?” (p.254).

Em relação às legendas, os livros didáticos analisados também preservam o conceito exposto em manuais como o do Estadão (1997, p.158): “toda legenda deve, sempre que possível, cumprir duas funções, simultaneamente: descrever a foto, com verbo de preferência no presente, e dar uma informação ou opinião sobre o acontecimento”.

O livro “Viva Português” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 255) da 6ª série, ressalta um aspecto interessante: que legenda também influencia a forma como o leitor vai ler (interpretar) a imagem.

Gêneros jornalísticos

Outro aspecto analisado foi a conceituação dos gêneros jornalísticos: notícia, reportagem e entrevista. De acordo com o livro Gêneros Jornalísticos no Brasil (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 55), notícia é “um relato de um fato que acontece na sociedade”. Ele precisa responder às seis questões básicas: quem, quando, onde, por que, como, que. Quando é narrada em pirâmide invertida, seu texto possui a cabeça (lead) e o corpo. “Privilegia o clímax (sensação) evitando a cronologia (nariz de cera)”, afirmam os autores José Marques de Melo e Francisco de Assis (p. 55). Já Jorge Pedro Souza (2005, p. 169), enfatiza que a notícia é um discurso sobre um acontecimento recente.

No “Viva Português” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 237), da 6ª. série, a palavra notícia é apresentada muitas vezes, mas há falta de explicação do que é o gênero jornalístico “notícia”. É explicado apenas o que é o lide, e que para compreender bem uma notícia, além de identificar os elementos do lide, é fundamental observar sua ordem de colocação no parágrafo e, em seguida, a ordem das informações no texto.

O conceito apresentado no livro “Português Linguagens” (CEREJA;



MAGALHÃES, 2006, p. 193), da 6ª. série, se aproxima mais do elaborado por Jorge Pedro Souza, pois os autores afirmam que uma notícia relata acontecimentos recentes, fatos que despertam o interesse do público, e se dividem em duas partes: o lide e o corpo.

Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro (2009, p. 137), no livro da 7ª. série, apontam os elementos que compõem a notícia e destacam a sua estrutura, ligada à piperâmide invertida, ou seja, logo no primeiro parágrafo são apresentados os dados mais importantes da notícia. “Os detalhes vão sendo fornecidos em ordem decrescente de importância”, acrescentam.

Ao definir reportagem, Sousa (2005, p.187) garante que o principal objetivo desse gênero jornalístico é informar com profundidade e exaustividade, contando uma história. “No meio jornalístico ouve-se frequentemente a expressão “uma reportagem é uma notícia vista à lupa”, afirma o autor (2005, p.187)

Já o livro “Gêneros Jornalísticos no Brasil” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 55) vai destacar que a reportagem é um relato de acontecimento que produziu impacto na sociedade. É um aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre “o modo”, o “lugar, o “tempo”, além da captação das “versões” dos agentes.

A reportagem, aliás, é considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade (MARTINS FILHO, 1997, p. 254). A reportagem investigativa apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Na maior parte dos casos, a reportagem decorre de uma pauta que o editor-chefe encaminha ao repórter, mas é comum o próprio repórter escolher um assunto e sugeri-lo aos superiores.

Os conceitos apresentados nos livros didáticos estudados seguem basicamente as mesmas linhas mestras: em “Viva Português” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 95), da 5ª série, destaca-se que reportagem pode tratar de assuntos atuais ou não e que sejam do interesse de muitas pessoas ou de grupos específicos. Segundo os autores, o repórter tem de pesquisar o assunto para escrever sobre ele, pois deve explicar ao leitor o que provocou o fato, quais suas conseqüências, qual a opinião de pessoas que participaram dele e dos especialistas, e pode complementar o texto falando de assuntos relacionados ao assunto principal.

Segundo o livro “Português Idéias & Linguagens” (DELMANTO; CASTRO, 2009, p.62), da 5ª. série, “a reportagem é um gênero jornalístico que se caracteriza por

ser fruto de cuidadosa pesquisa e da análise de vários ângulos do assunto enfocado. Geralmente é assinada e podem aparecer em jornais, revistas, rádio e programas de TV”.

No livro “Português Linguagens” (CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 17), da 8ª. série, o gênero jornalístico reportagem, não é explicado. O conteúdo começa com um texto e logo as perguntas sobre o que é reportagem, como fazer uma e suas características.

“Um relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos” é como d’ “Gêneros Jornalísticos no Brasil” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 55) define entrevista. Assim, como gênero jornalístico corresponde à transposição das perguntas e respostas feitas durante a entrevista. “A maioria das entrevistas serve, essencialmente, para revelar a personalidade de um ator social ou para dar a conhecer o seu ponto de vista sobre uma realidade”, afirma Jorge Pedro Sousa (2005, p.171), No “Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo” (MARTINS FILHO, 1997, p. 108), a entrevista constitui uma das principais fontes de informação de um jornal e está presente, direta ou indireta, na maioria das notícias que ele publica. Ela pode tanto ser a própria reportagem como apenas parte dela.

Os livros didáticos analisados destacam aspectos distintos desse gênero jornalísticos:

- “Português Linguagens 6a série” ((CEREJA; MAGALHÃES, 2006, p. 209) lembra que, “quando reproduzida em veículos escritos, como jornais e revistas são comuns sofrer algumas modificações, a fim de ficar mais adequada ao registro escrito”. Já “Viva Português 6ª. Série” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p.230), ressalta a diferença de formatação das entrevistas de acordo com o seu objetivo e afirma: “Em geral a entrevista se inicia com a apresentação do entrevistado feita pelo repórter; no fim da parte de perguntas e respostas ele pode ou não acrescentar algum comentário”.

Segundo o livro Português Idéias & Linguagens 7ª. série (DELMANTO; CASTRO, 2009, p. 231), “para entrevistar alguém é necessário conhecer o assunto que será tratado, formular perguntas com antecedência, usar linguagem clara e objetiva, fazer uma pergunta de cada vez”.

Assim, pode se perceber que os livros didáticos estão corretos quando fazem essa transposição didática e inclusive recorrem às dicas dos manuais de jornalismo,

como é o caso de “Português Idéias & Linguagens 7ª. Série” (DELMANTO; CASTRO 2009, p. 231), que reproduz as orientações do Manual de Redação do Estadão.

Entretanto, no Livro “Português Idéias & Linguagens 8ª. Série” (DELMANTO; CASTRO, 2009, p.138), há apenas dicas de como realizar uma boa entrevista, mas não há explicação do conceito, abordado no livro correspondente à série anterior.

Considerações Finais

Com a análise dos livros, podemos concluir que as explicações dos gêneros jornalísticos nos livros didáticos aparecem de maneira parecida aos padrões encontrados nos livros jornalísticos: não há distorções, ou seja, ao explicar os conceitos percebe-se que os autores procuraram em livros de jornalismo.

Entretanto, quando o autor propõe atividades, há certa confusão de como aplicar os conceitos, tornando nítida a falta do conhecimento prático e profissional do conceito transposto ali didaticamente. O livro “Viva Português 6ª. Série” (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2009, p. 238-255), por exemplo, se confunde no conceito de lide ao aplicá-lo em exemplos.

Em um texto narrativo, o autor afirma que o primeiro parágrafo é um lide, quando na verdade se trata de abertura de reportagem: “São 4h no bairro de Ermelino Matarazzo, extremo leste de São Paulo. Os desempregados José Gonçalves da Silva, 53, e Pedro dos Santos, 32, vão para as margens do rio Tietê. Para trabalhar”.

Percebe-se, dessa forma, que os conceitos são transpostos tais quais aparecem na área de conhecimento original, mas que falta aos autores o conhecimento prático da aplicação desses conceitos no dia a dia do fazer jornalístico. Se o conceito é correto, o exemplo citado acima pode deixar o professor um pouco confuso em entender o que é um lide ou como reconhecer seus principais elementos.

Outro aspecto a ser destacado é que na maioria dos livros didáticos não há explicação do que é uma notícia e apenas pedem, de imediato, que se produza uma, deixando assim o aluno perdido. Há também projetos de revistas no qual se pede para fazer notícia, reportagem, entrevista etc.

Com a análise, podemos perceber algumas distorções no uso de conceitos do Jornalismo nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Distorções essas que poderão ser reproduzidos pelos professores em suas aulas.

O estudo leva a crer que se torna necessária uma integração maior entre as áreas do conhecimento: entre Comunicação e Educação, entre os profissionais jornalistas e os



professores de Língua Portuguesa, para que o uso do jornal em sala de aula se torne realmente efetivo e produtivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Transposição Didática: Por onde começar?** São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- CAMPOS, Elizabeth; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Silvia Letícia. **Viva Português** (da 5ª à 8ª séries). São Paulo: Ed. Ática, 2009.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português Linguagens** (da 5ª. a 8ª. Série). São Paulo: Moderna, 2006.
- DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português Ideias & Linguagens** (da 5ª. a 8ª. Série). São Paulo: Saraiva, 2009.
- GONNET, Jacques. **Educação e Mídias**. São Paulo: Edições Loyola. 2004.
- LOZZA, Carmen. **Escritos Sobre Jornal e Educação: Olhares de perto e de longe**. São Paulo: Global, 2009.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco (Orgs.) **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Editora Metodista, 2010.
- MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de redação e estilo de O Estado de S.Paulo**. 3ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- PAVANI, Cecília (Org). **Jornal: (In) Formação e ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental, 1998. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em 5 set.2009.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2005.